

# A fala infantil sob a perspectiva da Linguística Cognitiva: uma investigação sobre a produtividade dos conceitos de recursividade e mesclagem na compreensão dos fenômenos linguísticos em crianças

Mariana Almeida Paes Leme\*

## Resumo

Este ensaio é fruto de uma investigação que busca entender a produtividade de teorias da Linguística Cognitiva, em especial, da Gramática de Construções, bem como de reflexões advindas das teorias do Dialogismo e da Análise de Discurso, para a análise da fala infantil. Para tanto, foram analisadas, em especial, a recursividade e a mesclagem para lançar luz sobre algumas falas infantis retiradas da página “Frases de Crianças”, empreendendo uma análise que investigou a complexidade cognitiva e linguístico-social dos fenômenos linguísticos apresentados por elas. O estudo buscou, então, compreender como a observância da atuação de princípios cognitivos gerais manifestados linguisticamente, bem como de outras capacidades cognitivas – como a memória e a recursão – é campo frutífero à análise de ocorrências linguísticas em crianças.

Palavras-chave: cognição; fala infantil; mesclagem; recursividade.

---

\* Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre e doutoranda em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas)  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7965-6162>.

# Children's speech from the perspective of Cognitive Linguistics: an investigation into the productivity of the concepts of recursion and blending in understanding linguistic phenomena in children

## Abstract

This essay is the result of an investigation that wants to understand the productivity of theories from Cognitive Linguistics, in particular, Construction Grammar, as well as reflections arising from the Enunciation Theory and Discourse Analysis for the analysis of children's speech. To this end, recursion and blending were analyzed in particular to shed light on some children's speeches taken from the "Frases de Crianças" page, undertaking an analysis that investigated the cognitive and linguistic-social complexity of the linguistic phenomena presented by them. The study therefore sought to understand how the observance of the performance of general cognitive principles manifested linguistically as well as other cognitive abilities – such as memory and recursion – is a fruitful field for the analysis of linguistic occurrences in children.

Keywords: cognition; childish speech; blending; recursion

A epistemologia das ciências da linguagem foi palco da disputa de duas vertentes diametralmente opostas em sua compreensão dos fatos linguísticos: o subjetivismo individualista e o objetivismo abstrato. Acerca disso, Volóchinov (2021) define a primeira como aquela que analisa o ato discursivo individual e criativo como fundamento da língua, isto é, como resultado de leis individuais estruturantes da criatividade dos fatos linguísticos, os quais se dariam de maneira ininterrupta e consciente e, portanto, os fenômenos linguísticos deveriam ser lidos a partir de uma ótica imanentista, psicologizante. Na outra ponta, estão aqueles que concebem todos os fenômenos dessa natureza como parte de um sistema cujos parâmetros fonéticos, gramaticais e lexicais – ao contrário do que preveem os subjetivistas, que creem na premissa de fluxo eterno dos atos discursivos a partir do impulso criativo – imobilizam as possibilidades de realização do enunciado, o que é capaz de conferir, pela estabilidade e normatividade dos elementos, sua compreensão por uma coletividade.

Quando pensamos na história das ideias linguísticas, é possível que percebamos como estruturalistas e gerativistas parecem disputar esse cabo de guerra, tendo em vista que, enquanto os primeiros operam, em linhas gerais, com a noção de língua como um sistema homogêneo, composto por um conjunto de signos exterior aos indivíduos, advogando, assim, um estatuto matemático para o trabalho de descrição dos arranjos textuais discursivos, os últimos, liderados por Chomsky, acreditam em uma faculdade inata da linguagem, a qual, por isso mesmo, possibilitaria que crianças pudessem desenvolver tal competência, apresentando, assim, uma predisposição genética que permite a aquisição da linguagem, sendo esta vista como “o espelho da mente”, nas palavras desse estudioso. Embora não desconsiderem os estímulos externos, gerativistas se concentram, em uma resposta às teorias behavioristas centradas na ideia de estímulo-resposta, em criticar tal visão comportamentalista da linguagem, a qual, destituindo o potencial criativo do sujeito, atribui a linguagem humana a um fenômeno externo aos indivíduos. Desse modo, os pesquisadores da gramática gerativa chamam a atenção para o fato de um indivíduo humano sempre agir criativamente no uso da linguagem. Segundo Kenedy (2008), Chomsky chega a afirmar, inclusive, que a criatividade é o principal pilar de sustentação comportamento linguístico humano, distinguindo-a dos sistemas de comunicação. Com isso, fica colocada a sua filiação a um

A fala infantil sob a perspectiva da Linguística Cognitiva:

uma investigação sobre a produtividade dos conceitos de recursividade e mesclagem na compreensão dos fenômenos linguísticos em crianças

escopo subjetivista, na medida em que abraça, de forma muito potente, em sua teoria, o protagonismo do sujeito como centro organizador de seus atos enunciativos, os quais são fruto de um dispositivo inato, interno ao organismo humano, que receberia o nome, pela escola gerativista, de competência linguística do falante.

A partir, então, de um escopo positivista, a linguística alçou o sujeito à origem de seus enunciados, os quais, portanto, manifestavam-se a partir de um purismo que produziu uma dicotomia entre fala e escrita, cujas bases semióticas – acústico-auditiva e gráfico-visual, respectivamente – estabilizariam suas diferenças e hierarquizariam seus usos dentro das várias práticas sociais nas quais estamos inseridos. Paralelamente, a vertente estruturalista também ancorou seus debates em um paradigma sistêmico, segundo o qual, a partir da descrição de regularidades, qualquer desvio a estas seria concebido como equívoco e exceção. No entanto, essa disputa ganhou uma perspectiva de interessante revisão a partir do estabelecimento da Linguística Cognitiva (LC), disciplina que, a partir dos anos 1980, buscou orientar sua reflexão não para o caráter modular do conhecimento linguístico, como preconizado pela teoria gerativista, nem por sua dimensão essencialmente formal, feito os estruturalistas, mas como forma de construir conhecimento por meio da experiência humana com o mundo. Nesse sentido, para os cognitivistas, a estrutura formal da linguagem não é, como defendiam os subjetivistas, meramente motivo de consciência individual, mas fruto da organização conceptual, dos princípios de categorização e dos mecanismos de processamento das influências da experiência do falante com seu ambiente. A esse respeito, o campo de estudos cognitivistas denominado Gramática de Construções, longe da perspectiva derivacional, que busca elucidar os fatos linguísticos a partir de sistemas abstratos, ocupa-se da interface conceptual entre sintaxe e semântica, o que elimina a visão modular da língua, dedicando-se ao estudo sobre a continuidade léxico-sintaxe, a qual “está ancorada na hipótese de pareamento entre forma e significado nos níveis lexical, morfológico e sintático” (Ferrari, 2002, p. 129), isto é, as expressões linguísticas são lidas, sob a ótica dessa vertente da LC, como parte de um construto que não pode ser separado para que seja compreendido em sua complexidade.

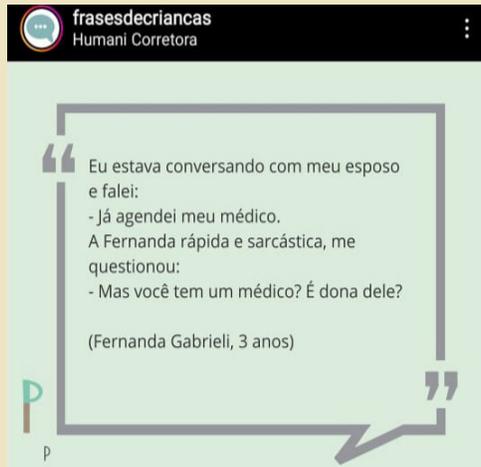
De maneira semelhante às disputas sobre a natureza do conhecimento linguístico, os estudos sobre o desenvolvimento da

linguagem nas crianças se dão também sobre terrenos conflituosos. Embora pioneiro nos experimentos sobre a linguagem infantil, Piaget, cujas reflexões defendem que a linguagem egocêntrica é característica basilar da substância psicológica da criança e é um estágio anterior ao da linguagem socializada (racional, intelectual), ainda não consegue dar conta da complexidade da atividade intelectual da criança. Isso porque, a despeito de se distanciar de uma vertente que até então sempre via a infância segundo uma ótica quantitativa, como o período de “deficiências” em termos de conhecimentos linguísticos, sua abordagem qualitativa apostou na ideia de desenvolvimento, mas, ao colocar o pensamento egocêntrico – que, segundo o pensamento piagetiano retomado por Moreira (1999), duraria até os oito anos –, como intermediário entre o autístico e o socializado, acaba por reduzir a capacidade das crianças em experienciar o mundo social e, partir dele, construir suas hipóteses linguísticas em relação às dimensões gramaticais e morfológicas da língua, por exemplo, falácia que se derruba facilmente a partir da ótica da Linguística Cognitiva que adotarei neste trabalho para analisar algumas falas infantis.

Por isso mesmo, distanciando-se da perspectiva piagetiana de que, no pensamento da criança, há predomínio de um imperativo da ação, não da lógica do pensamento, a reflexão que este ensaio empreenderá está amparada nos pressupostos vigotskianos de que o pensamento egocêntrico, longe de ser forma primária de desenvolvimento, é “solo favorável ao exercício da capacidade intelectual e linguística” (Vigotski, 2009, p. 42), bem como nos estudos da Linguística Cognitiva, segundo os quais a mente humana é recursiva e, por isso, uma criança já possui metacognição para refletir sobre processos linguísticos que circundam seu meio social, construindo significados a partir de processos cognitivos relacionados aos frames. Desse modo, este estudo analisará algumas postagens que tratam do diálogo entre crianças e adultos, a fim de flagrar a pertinência das reflexões acima. Abaixo apresento um primeiro fragmento de diálogo infantil, retirado da página “Frases de Crianças”, na rede social Instagram, a qual se dedica à publicação de conversas interessantes de crianças com suas famílias, as quais, por evidenciarem aspectos destoantes dos códigos sociais ou linguísticos já consolidados pelos adultos, despertam humor:

A fala infantil sob a perspectiva da Linguística Cognitiva:  
uma investigação sobre a produtividade dos conceitos de recursividade  
e mesclagem na compreensão dos fenômenos linguísticos em crianças

## Texto I



Fonte: Página “Frases de Crianças” (02/06/2023).

Longe do que Chomsky defendia, Fernanda Gabrieli não parece ter simplesmente um Dispositivo de Aquisição da Linguagem (DAL) acionado por meio de frases ou falas do adulto. Se assim o fosse, como explicar sua atitude de deboche em relação à fala da mãe? No exemplo em questão, o que se nota é que, a partir de todas as ocorrências dos pronomes possessivos aos quais ela foi exposta, a criança elaborou algumas hipóteses em torno de seu uso, o que conduz sua resposta ao que ela considera um “mau uso” pela mãe. Mas, como se constrói o conhecimento na criança em torno do suposto equívoco no emprego de “meu médico”? Com efeito, pela interação com o adulto e o meio social no qual a criança está inserida, esse dispositivo vai amadurecendo, possibilitando a geração da gramática na qual a criança está contextualizada, o que, embora dialogue com a premissa gerativista de que os estímulos externos possibilitam o desenvolvimento de uma faculdade inata – já que seríamos detentores de uma gramática universal –, também refuta a hipótese gerativista que concebe a língua a partir de um sistema homogêneo cujas possibilidades finitas proporcionariam a formulação de enunciados infinitos. Este e outros exemplos demonstram que, ao contrário, a língua em si mesma não é suficiente para determinar a semântica das

palavras, o que implica dizer que todo significado é situado e que, portanto, a dimensão cognitiva de produção do sentido não pode ser vista como fruto de uma atividade individual, segundo uma ótica mentalista, já que “a língua é um sistema de indeterminações sintático-semânticas que se resolvem nas atividades dos interlocutores em situações sócio-comunicativas”. (Marcuschi, 2007, p. 70).

A menina do texto I, nesse sentido, pode estar, em uma atitude de deboche, provocando sua mãe em relação aos outros usos possíveis de “meu”, a qual é movida por uma morfologia já consolidada e acionada diante dessa estrutura sintática – [PRONOME POSSESSIVO + SUBTANTIVO INDICATIVO DE POSSE, como meu + chapéu; meu + celular, etc], confirmando, com isso, a premissa apresentada pela Gramática de Construções, que defende a postulação de uma configuração sintática que está pareada com a indicação pragmático-semântica correspondente. Por outro lado, a garota também pode estar sendo confrontada a outros usos desse determinante, o que ampliará, a partir do recurso da recursividade, suas ferramentas de emprego desse elemento linguístico. Sob essa perspectiva, é fundamental aludir à discussão de Corballis (2014), o qual situa a recursão como propriedade fundamental da mente humana, tomando as informações de seu output como o próximo input, uma ligação que possibilita a criação de sequências ou estruturas de tamanho infinito ou complexo, o que parece ser, justamente, a base do questionamento da garotinha. Volóchinov (2021), como grande crítico das duas pontas do cabo de guerra apresentado na introdução desse texto, falará sobre a atitude responsiva do enunciado:

A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. [...] A compreensão é uma forma de diálogo; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no diálogo. Compreender é opor à palavra do locutor uma contrapalavra. (Volóchinov, 2021, p.135).

Assim, a escuta ativa e responsiva de Fernanda, manifesta a partir do tom inquisidor com que reveste seu enunciado à mãe, oferece uma contrapalavra a todos os enunciados conhecidos, ouvidos formados pelo sintagma [PRONOME POSSESSIVO + SUBTANTIVO INDICATIVO DE POSSE], permitindo, assim, a ampliação de sua compreensão sobre

A fala infantil sob a perspectiva da Linguística Cognitiva:  
uma investigação sobre a produtividade dos conceitos de recursividade  
e mesclagem na compreensão dos fenômenos linguísticos em crianças

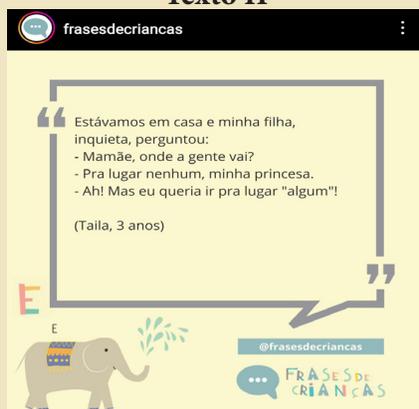
os fenômenos de sua língua. Ela revela, a partir da pergunta, o exercício metacognitivo necessário para consolidar, enquanto falante competente de sua língua, o seu conhecimento linguístico.

Portanto, a partir de um “*cognitive turn*”, a perspectiva da Linguística Cognitiva encabeçará a diretriz de estudos que, distanciando-se tanto de uma lógica subjetivista, quanto objetivista, assumirá o papel central da interlocução na arena cognitiva. Nesse contexto, merece destaque a denominada Gramática de Construções para a compreensão da avaliação feita pela garotinha, já que, ao aproximar as agendas da psicologia e da gramática, a LC deixa de conceber a gramática em termos da geração de sequências simbólicas para pensá-la em termos de um “repertório de construções vinculadas radialmente por relações de herança”. (Salomão, 2002, p.70). Neste caso, é emblemático dessa visão que a criança, ainda com três anos de idade e, por isso, contrariando a visão piagetiana já debatida acerca do pensamento egocêntrico, demonstra sua capacidade em reconhecer e aplicar conhecimentos situados em espaços mentais específicos, admitindo a existência de uma sequência prototípica alocada junto ao pronome possessivo. Nesse sentido, Fernanda percebe que “médico” não constituiria uma unidade simbólica tipicamente associada ao pronome possessivo, pensando em sequências similares com as quais já teve contato em outros contextos. Percebe-se, então, a adoção, por parte da menina, de uma generalização que prevê alguns princípios conforme os quais seria possível ou não o emprego do possessivo. Logo, ainda que a compreensão da expressão “meu médico” extrapole as experiências que a criança tem e, por isso, gere humor sua resposta à mãe, seu questionamento é indicativo de que há o desenho de um espaço mental, isto é, de um domínio epistêmico usado como ferramenta de processamento do discurso, o qual permitiu que a garota fizesse a avaliação do enunciado proferido pela mãe.

Desse modo, torna-se flagrante à analista que não se trata apenas de alguém que possui uma gramática “acionada” por estímulos externos, a qual ativa princípios e parâmetros inatos ao sujeito e que conduzem a realização de seus atos linguísticos. Embora o gerativismo tenha trazido essa importante contribuição, não dar protagonismo a nossas experiências provindas das relações sociais e à habilidade do sujeito em extrapolar tal condição imanente para, ativamente, questionar parâmetros, formular hipóteses e testar novas configurações parece ser uma teorização redutora do exercício de desenvolvimento da linguagem apresentado por Fernanda

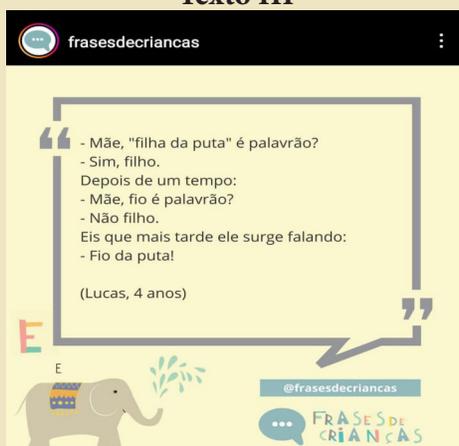
no texto I. Desse modo, os debates em torno do processo de aprendizagem da linguagem, denominado “problema de Platão”, ainda que sob uma pobreza de estímulos, bem como da capacidade criativa na elaboração de enunciados inéditos (“problema de Descartes/Humboldt”) ocuparam grande parte do Programa Minimalista proposto na segunda metade do século XX por Chomsky. Porém, sem descredibilizar as investigações do estudioso, é com o avançar do campo analítico da Linguística Cognitiva que olharemos para a complexidade dos fenômenos linguísticos apresentados por Taila e Lucas, nos exemplos abaixo:

## Texto II



Fonte: Página “Frases de Crianças”, (10/05/2023).

## Texto III

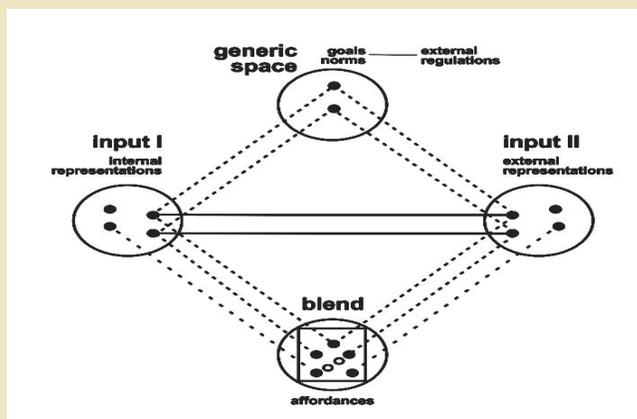


Fonte: Página “Frases de Crianças”, (30/04/2023).

A fala infantil sob a perspectiva da Linguística Cognitiva: uma investigação sobre a produtividade dos conceitos de recursividade e mesclagem na compreensão dos fenômenos linguísticos em crianças

O processo cognitivo de mesclagem, estudado especialmente por Michael Turner e retomado por Salomão (2002) no artigo aqui referido, é fundamental à compreensão do agenciamento de domínios-fonte feito pelas crianças em questão em suas construções de “lugar algum” e “fio da puta”. Ao defender que acionamos tanto esquemas sintáticos genéricos, quanto o léxico como base de conhecimento para operacionalizar a atividade de produção de novos enunciados e de interpretação, a noção de mesclagem lança luz importante sobre o conhecimento dessas crianças acerca do seu arsenal linguístico e da sua cognição. Abaixo, retomo o esquema usado por Salomão (2002) a fim de que possamos compreender o movimento feito pelas crianças na mobilização de domínios-fonte:

### Domínios-fonte na operação de mesclagem



Fonte: Salomão (2002)

A partir dessa discussão idealizada na Teoria dos Espaços Mentais, nega-se que o significado de determinada estrutura seja dado ao falante e este, por sua vez, não interfere, nem agrega nenhuma informação nova, como seria típico de uma discussão estruturalista. Ao mesmo tempo, não se trata de uma dimensão imanente do sujeito, embora este seja, sim, protagonista dos processos que aciona. Na verdade, este é um complexo processo de projeções, mesclagens e articulação de múltiplos domínios conceituais: tal processo cognitivo – denominado mesclagem ou *blending* – a partir de domínios-fonte (*input*), “produz um espaço-mescla, emergente, integrando conceptualmente, ainda que de forma precária, uma rede de domínios-fonte”. (Salomão, 2002, p. 70). Isto é, o falante projeta o conhecimento

adquirido, revelando sua capacidade de criar domínios-mescla a partir do input recebido.

Salomão (2002) alerta, em sua abordagem, sobre o risco de conceber o processo de mesclagem como meramente derivacional, o que silenciaria toda a ativação de uma rede conceptual, por parte das falas das crianças aqui analisadas, que faz aparecer, inclusive, informações ainda não previstas no domínio-fonte, fenômeno que não poderia ser explicado a partir da lente da composicionalidade. No texto II, por exemplo, entender o par “lugar nenhum” e “lugar algum” só é possível se concebermos o fenômeno a partir de uma abordagem processual, na qual a criança, a partir de seus domínios-fonte, ativa uma rede conceptual acerca das negativas e, por isso, para expressar seu desejo de sair de casa, ainda que desconsidere alguns usos específicos dos pronomes indefinidos, parece entender que, a partir do domínio fonte “algum” e “nenhum”, é possível construir uma mescla positiva com “lugar algum”. De igual modo, embora outras ocorrências precisassem ser analisadas para que nos certificássemos desse segundo argumento, a garotinha indicia saber que a posição ocupada pelo pronome indefinido pode mudar o efeito de sentido provocado e, embora faça a aposta errada neste caso, está testando seus domínios-fonte, explorando as possibilidades de mesclagem. O exemplo é revelador de que não se trata meramente de um processo derivacional, já que não há exatamente no domínio-fonte a informação criada no domínio-mescla, o que inclusive leva ao efeito de humor, já que Taila faz emergir um uso que desconsidera que se trata igualmente de uma negativa o uso de pronome “algum” após substantivo. Ela demonstra, com isso, fazer uso de seu *input*, testar hipóteses, criar.

No texto III, observa-se fenômeno semelhante, mas ainda mais complexo quando percebemos o atravessamento, por este sujeito, das interdições sociais que produzem uma regulação em torno do que pode ou não pode ser dito. Lucas demonstra, assim, conhecer alguns códigos sociais, estar já sob a injunção das instituições (Foucault, 2014) reguladoras do dizer, como a família, que conduzem o filho em seus modos de dizer, como indicia a pergunta com a qual inicia seu diálogo com a mãe, evidenciando o caráter de negociação do evento comunicativo, sua natureza essencialmente dialógica, não meramente psicológica (Volóchinov, 2021). Além disso, a criança demonstra saber que o lexema “filho” possui variações em suas

ocorrências, recorrendo, para isso, a seus domínios-fonte, sendo o fonema lateral palatal passível de realização vocalizada ou despalatalizada, como em “fio”, embora ainda ignore o fato de que essa variação não constituiria mudança semântica na expressão “fio da puta” em relação a seu par “filho da puta”. De todo modo, é interessante, ainda, observar, sob a ótica da cognição, o exercício de categorização feito por Lucas em seu processo de atribuição de sentido às palavras que constituiriam teor ofensivo.

A partir da observância dos fenômenos linguísticos apresentados nos textos II e III, nota-se como, a partir da exploração da teoria dos espaços mentais, a mesclagem constitui um modelo interessante para a compreensão da interação entre conexões cognitivas e a linguagem. Segundo Fauconnier & Sweetser (1996, p. 8), as primeiras desempenham um papel central na semântica e, de forma geral, na sistematização do pensamento. Isso porque, na teoria dos espaços mentais, a operação geradora de delimitação semântica depende de três passos essenciais segundo os autores, os quais serão aqui explorados a fim de ampliar o olhar sobre os exemplos apresentados. O primeiro ponto destacado pelos autores é a *Identidade*, isto é, o reconhecimento das semelhanças e diferenças, estabelecendo relações de cotejamento para flagrar oposições e identidades. A esse respeito, nota-se como especialmente a criança do texto II, ao perguntar à mãe sobre a validade ou não da equivalência entre “filho” e “fio”, busca, justamente, estabelecer uma postura avaliativa em relação a essas aproximações. O segundo aspecto pontuado pelos estudiosos revela a operação da *Integração*, pois, ao buscar o valor semântico das formas linguísticas, a criança realiza integração, ou seja, mesclagem (*blending*), explorando propriedades dinâmicas e lidando com restrições operacionais – fato bastante evidenciado na clareza que Lucas, com apenas 4 anos, revela mobilizar em um diálogo que demonstra todos os espaços de delimitação com os quais deve operar em seu processo criativo. Pensando de maneira ainda mais complexa, a criança já demonstra sua inscrição em uma ordem sociodiscursiva, na qual precisa lidar com o fato de a palavra ser “um ato bilateral. Ela é determinada tanto por aquele de quem procede quanto por aquele para quem se dirige” (Volóchinov, 2021, p. 205), daí a necessidade de correção: posso dizer “fio da puta” ao invés de “filho da puta”, tendo em vista que “fio” não constitui palavra de baixo calão? Se a palavra é “uma ponte que liga o eu ao outro” (Volóchinov, 2021, p. 205), não se trata de uma passagem cuja via é de mão única, e a

criança não está, diferente do que advogado pela corrente piagetiana, em posição autística que a incapacite de se lançar ao corpo social – bem como à elaboração cognitiva das informações ali obtidas – e dele aprender sua engrenagem. Por último, cabe destacar também a etapa da *Imaginação*, a qual, segundo os autores em questão, revelaria ser o produto sempre imaginativo da integração conceptual, tendo em vista que a mesclagem conjuga a integração de estruturas parciais de dois espaços mentais separados em uma estrutura única cujas propriedades, emergentes dentro de um espaço mescla, apresenta-se mais rica, nesse sentido, mais criativa – dado seu ineditismo na fala daquela criança, na variante a que está exposta ou mesmos nas formas conhecidas e já coletivamente apropriadas da língua – do que as estruturas presentes nos espaços *input*. Tal fato também se torna flagrante na fala de Lucas: ele cria um sintagma que nunca ouviu, tendo em vista a variante linguística de sua família, mas que é capaz de elaborar por meio de associações a partir da operação da mesclagem.

Já em relação propriamente à operação da mesclagem, os autores evidenciam 4 etapas essenciais, pensando em sua ancoragem na teoria dos espaços mentais, sendo a primeira a operação de mapeamento destes, na qual há um rastreamento entre os dois *input*. Logo após, aconteceria a formação de um espaço genérico, responsável pelo levantamento das informações presentes em cada um desses *input*. Como parte dessa segunda etapa, esse espaço genérico reflete a estrutura e a organização (comuns e abstratas) partilhadas pelos espaços *input* e define o mapeamento central entre os espaços. O próximo passo, então, é propriamente a mescla, da qual deriva, como último processo, uma estrutura emergente, nova, isto é, não fornecida pelos espaços *input*. Tal sistematização é valiosa à compreensão da complexidade e da multiplicidade de operações inter-relacionadas geradoras dos fenômenos analisados nas falas infantis: a agilidade cognitiva entre receber do *input* da mãe a expressão “lugar nenhum” e, imediatamente acionar um *input* em que se possa identificar informações de oposição com o pronome indefinido “nenhum”, projetar tais informações em um espaço genérico capaz de combinar tais informações e, então, produzir, por mesclagem, uma estrutura emergente nova é revelador da criatividade e da atuação ativo-responsiva das crianças na produção de seus enunciados.

Sendo assim, é perceptível para a analista que as ocorrências infantis analisadas sob a ótica da Linguística Cognitiva, bem como de alguns diálogos estabelecidos com a Análise de Discurso e a Teoria da Enunciação, demonstram que mecanismos da cognição humana, sobretudo os de recursividade e mesclagem aqui investigados, refletem-se na linguagem humana, sendo fundamentais como operações básicas que ensinam a construção do significado. Portanto, como se vê, a observância da atuação de princípios cognitivos gerais compartilhados pela linguagem, bem de como outras capacidades cognitivas aqui trabalhadas – como a memória e a recursão – é campo frutífero à análise de ocorrências linguísticas em crianças por possibilitarem que tais fenômenos sejam vistos a partir de um campo multidisciplinar, no qual operam as interdições sociais, a gramática, a predisposição genética e os estímulos interacionais. Ao analista cabe, então, ampliar sempre seu olhar para o objeto, cuja complexidade escapa a qualquer reducionismo.

## Referências

CORBALLIS, Michael C. *The recursive mind: the origins of human language, thought and civilization*. Princeton University Press, 2014.

FAUCONNIER, Gilles; SWEETSER, Eve (ed.). *Spaces worlds and grammar*. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2022.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FRASES DE CRIANÇAS. Instagram: @frasesdecrianças. Disponível em: <https://www.instagram.com/frasesdecrianças/>. Acesso em 04 de outubro de 2023.

KENEDY, E. Gerativismo. In: Mário Eduardo Toscano Martelotta. (org.). *In.: Manual de lingüística*. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 127-140.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MOREIRA, M. A. Teoria do desenvolvimento cognitivo de Piaget. In: *Teorias de Aprendizagem*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1999.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. Gramática das construções: a questão da integração entre sintaxe e léxico. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 63-74, Jan./Jun. 2002.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2021.